

Luvita Hiero- glífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

`<caio.geraldes@usp.br>`

2024

Sumário

0.1	Descobrimdo o luvita	1
0.2	Quando, onde, quem?	2
1	Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal	3
1.1	Sistema de escrita	3
1.1.1	Fonogramas	4
1.1.2	Logogramas	7
1.2	Fonologia	8
1.3	Flexão nominal	8
1.4	Leitura: BABYLON 3	8
	Vocabulário	11
	Glossário	13
	Referências	15

Introdução

0.1 Descobrindo o luvita

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieróglifos em alto relevo, associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob deiração de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apenas em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em *Tell el-Amarna* (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como luvita”.³ Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𐀫, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.⁴

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁵ No começo da dé-

¹ Esta seção está baseada sobretudo em [Hawkins \(2000a\)](#), [Melchert \(2003\)](#) e [Hoffner Jr. e Melchert \(2008\)](#).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

⁴ Os textos em luvita cuneiforme estão editados em [Starke \(1985\)](#) e [Yakubovich e Mouton \(2023\)](#). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𐀫, o palaico. Os textos em palaico estão editados em [Carruba \(1970\)](#).

⁵ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17 𐀭 REX e L.228 𐀭 REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneiformes

cada de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. Alguns avanços foram feitos durante as décadas de 1940 a 1960, com a compilação de selos digráficos (hieroglíficos e cuneiformes) e com a publicação parcial da inscrição bilíngue em hieroglífico e fenício de Karatepe descoberta por Bossert e Halet Çambel. Foi apenas com a publicação das “Novas leituras” por [Hawkins, Morpurgo-Davies e Neumann \(1974\)](#) que se pode finalmente identificar a língua dos hieróglifos hititas com a língua dos *Glossen-keil* que deveriam ser lidos *luwili*. Daí em diante, estas línguas passaram a ser conhecidas respectivamente como *luvita hieroglífico* e *luvita cuneiforme*.

0.2 Quando, onde, quem?

Embora tenhamos contado um pouco sobre a descoberta e decifração do luvita hieroglífico, convém dizer um pouco sobre o contexto histórico dessa língua.

Datação Os primeiros textos legais hititas contendo menções à terra chamada *Luwiya*, hit. KUR *Lu-ú-i-ya*, posteriormente chamada de Arzawa, datam da metade do segundo milênio antes da era comum, no Antigo Império Hitita.⁶

1. Imperial: séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiliuma II
2. Neo-hitita: *circa* 1100-700 AEC

⁶ ~~»~~ LUGAL ‘rei’ e ~~»~~ KUR ‘país/território’.





⁶ CTH 291 e 292. Tradução das leis em [Hoffner Jr. \(1997\)](#).

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suportes, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.¹ As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.²



Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/
b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/
- (2) L.13 PRAE  = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/³

Transliteração e transcrição Por conveniência, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ser a forma “corrida” do texto.

¹ Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte Noto Sans Anatolian Hieroglyphs, que os representa no estilo de baixo relevo.

² Para detalhes do sistema de escrita, vide Hawkins (2000a, pp. 6ff. e pp. 23ff.) e Hawkins (2024, pp. 354ff.).

³ Como no nome próprio Parita, escrito   PRAE-tá- = *Parita*- em QAL ‘AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em Laroche (1960), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo Laroche (1960) e letras maiúsculas.⁴
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo (vide sub)*, eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição seguem as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação conhecida são convertidos pela palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende do nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, sendo também chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V (Vogal) e CV (Consoante Vogal), com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das citadas-estado neo-hititas está representado em Figure 1.1 e Figure 1.2 e os sinais para séries CVCV estão em Figure 1.3.

Fonogramas múltiplos Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a₂), a terceira pelo acento grave <à> (=a₃) e as demais por números subscritos, como <a₅>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

⁴ Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e são grafados em itálico.














































































		<i>a</i>	(450)			<i>i</i>	(209)			<i>u</i>	(105)
		<i>á</i>	(19)								
		<i>ha</i>	(215)			<i>hi</i>	(413)			<i>hu</i>	(307)
		<i>há</i>	(196)								
		<i>ka</i>	(434)			<i>ki</i>	(446)			<i>ku</i>	(423)
		<i>la</i>	(176)			<i>li</i>	(278)			<i>lu/a/i</i>	(445)
		<i>lá/i</i>	(172)			<i>la/i</i>	(319)				
		<i>ma</i>	(110)			<i>mi</i>	(391)			<i>mu</i>	(107)
		<i>na</i>	(35)			<i>ni</i>	(411)			<i>nu</i>	(153)
						<i>ní</i>	(214)			<i>nú</i>	(395)
		<i>pa</i>	(334)			<i>pi</i>	(66)			<i>pu</i>	(328)
		<i>ra/i</i>	(383)							<i>ru</i>	(412)
		<i>sa</i>	(415)			<i>si</i>	(174)			<i>su</i>	(370)
		<i>sá</i>	(433)								
		<i>sà</i>	(104)								
		<i>sa_s</i>	(327)								
		<i>ta</i>	(100)			<i>ti</i>	(90)			<i>tu</i>	(89)
		<i>tá</i>	(29)							<i>tú</i>	(325)
		<i>da</i>	(41)								
		<i>wa/i</i>	(439)								

Figura 1.1: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 419) – Parte 1














		<i>ia</i>	(210)								
		<i>za</i>	(377)			<i>zi</i>	(376)			<i>zu</i> ²	(432(2))
										<i>zú</i>	(448)
						<i>kwi/a</i>	(329)				
						<i>hwi/a</i>	(M.161)				

Figura 1.2: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 421) – Parte 2
























		<i>a + ra/i, ra + a</i>	(450 + 383)
		<i>i + ra/i, ri + i</i>	(209 + 383)
		<i>la + ra/i + a</i>	(175 + 383 + 450)
		<i>ara/i</i>	(134)
		<i>tara/i</i>	(389)
		<i>hara/i</i>	(290)
		(IUDEX + <i>ra/i</i>) <i>dara</i>	(371 + 383)
		<i>mara/i</i> ^{+(<i>ra/i</i>)}	(462, 463(3))
		(For variant forms, especially ANCOZ, see Hawkins and Morpurgo Davies, 1998)	
		<i>kar</i>	(315)




Figura 1.3: Fonogramas CVCV (HAWKINS, 2024, p. 422)

Consoantes isoladas Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.⁵ Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...      
 ... ha ma su ka la sá
 ... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)

Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

/n/ pré-consonantal Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.⁶ Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. O mesmo escriba de (3) para escrever a palavra para ‘pais’ escreve:

- (4)   
 tá ti zi
tatinzi (MARAŞ 1, §12)

1.1.2 Logogramas

Quisque ullamcorper placerat ipsum. Cras nibh. Morbi vel justo vitae lacus tincidunt ultrices. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. In hac habitasse platea dictumst. Integer tempus convallis augue. Etiam facilisis. Nunc elementum fermentum wisi. Aenean placerat. Ut imperdiet, enim sed gravida sollicitudin, felis odio placerat quam, ac pulvinar elit purus eget enim. Nunc vitae tortor. Proin tempus nibh sit amet nisl. Vivamus quis tortor vitae risus porta vehicula.

⁵ Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

⁶ Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (4) representaria /ta.ĩ.tsi/.

1.2 Fonologia

Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.

1.3 Flexão nominal

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

1.4 Leitura: BABYLON 3

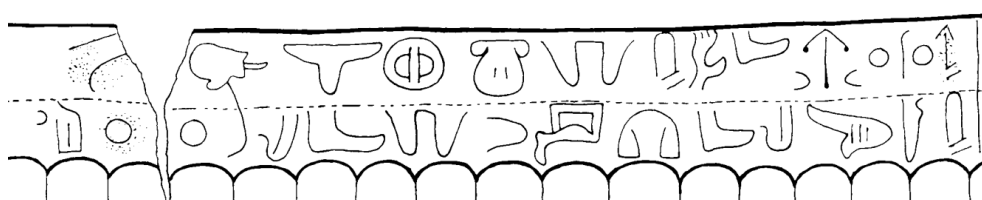
Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figure 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhunta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𒌷𒍪𒍪𒍪 TONITRUS. HALPA-*pa-ni* = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’, desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84/85 𒌷𒍪𒍪𒍪/𒍪𒍪𒍪 TONITRUS+CRUS₂/GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.⁷ A data de produção é incerta, mas deve








⁷ Com L.84 CRUS₂ 𒍪: ALEPPO 5; NIŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLECTERE 𒍪: ALEPPO 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes

cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por Hawkins (2000c, plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.



- (5)   
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
  
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na

 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta

- (6) zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran
 DET.ACU. vasilha.NEUT.ACU. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT. PREP.
 tuwata
 colocar-3SG.
 Esta vaso Runtiyas dedicou ao Tarhun(a) halabeu.

próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparun-tiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-pa-ru-ti(-i)-ia-.

Vocabulário

kati- (subst. NEUT.) vaso, vasilha
Runtiya- (nome próprio. COM.) Runtiya
halpawan- (adj.) proveniente de Halpa; halabeu
Tarhu(n)t- (nome próprio, teônimo) Tarhunta
paran (PREP.) em frente a
tuwa- (v.)

Glossário

Referências

- ADIEGO, Ignasi-Xavier et al. (Ed.). *Luwic dialects and Anatolian: Inheritance and diffusion*. Barcelona: Universitat de Barcelona Edicions, 2019. (Series Anatolica et Indogermanica, 1).
- BAUER, Anna H. *Morphosyntax of the Noun Phrase in Hieroglyphic Luwian*. Leiden: Brill, 2013.
- ÇAMBEL, Halet. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.
- CARRUBA, Onofrio. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiş, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, John David. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: Walter de Gruyter, 2024.
- HAWKINS, John David; MORPURGO-DAVIES, Anna; NEUMANN, Günter. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen (Philologisch-historische Klasse), 6).
- HOFFNER JR., Harry A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., Harry A.; MELCHERT, H. Craig. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.

- MELCHERT, H. Craig. *Cuneiform Luwian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. Craig (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MOUTON, Alice; RUTHERFORD, Ian; YAKUBOVICH, Ilya (Ed.). *Luwian Identities*. Leiden: Brill, 2013. (Culture and History of Ancient Near East, 64).
- PAYNE, Annick. *Hieroglyphic Luwian: An Introduction with Original Texts. 2nd revised edition*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010.
- PAYNE, Annick. *Iron Age Hieroglyphic Luwian Inscriptions*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- STARKE, Frank. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 30).
- STARKE, Frank. *Untersuchung zur Stammbildung des keilschrift-luwischen Nomens*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1990. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 31).
- VELHARTICKÁ, Šárka (Ed.). *Audias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková-Siegelová*. Leiden: Brill, 2016. (Culture and History of Ancient Near East, 79).
- YAKUBOVICH, Ilya. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, Ilya; MOUTON, Alice. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluḫi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 10).

Esse documento foi diagramado usando o sistema [LuaTeX](#) mantido
por Manuel Pégourié-Gonnard. Todos os *softwares* utilizados na
diagramação deste document são gratuitos e *open source*.
19 de junho de 2024.